MIDAS

Museus e estudos interdisciplinares

1 | 2013

Varia

Ana Cardoso Matos, Irina Gouzévitch e Marta C. Lourenço, dir. - *Expositions Universelles, Musées Techniques et Société Industrielle/World Exhibitions, Technical Museums and Industrial Society*

João Paulo Martins

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/169>

DOI: 10.4000/midas.169

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Refêrencia eletrónica

João Paulo Martins, « Ana Cardoso Matos, Irina Gouzévitch e Marta C. Lourenço, dir. - *Expositions Universelles, Musées Techniques et Société Industrielle/World Exhibitions, Technical Museums and Industrial Society* », *MIDAS* [Online], 1 | 2013, posto online no dia 11 abril 2013, consultado no dia 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/midas/169> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/midas.169>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.

Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

Ana Cardoso Matos, Irina Gouzévitch e Marta C. Lourenço, dir. - *Expositions Universelles, Musées Techniques et Société Industrielle/ World Exhibitions, Technical Museums and Industrial Society*

João Paulo Martins

REFERÊNCIA

Matos, Ana Cardoso, Irina Gouzévitch, e Marta C. Lourenço, dir. 2010. *Expositions Universelles, Musées Techniques et Société Industrielle/World Exhibitions, Technical Museums and Industrial Society*. Lisboa, Évora, Paris: Edições Colibri, Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades da Universidade de Évora, Centre Maurice Halbwachs, Centro Interuniversitário da História das Ciências e da Tecnologia. 222 páginas, ISBN 978-989-689-056-8.

- 1 O livro toma como base as comunicações apresentadas ao *workshop* internacional "World Exhibitions & Museums of Science and Technology / Expositions Universelles & Musées de la Science et de la Technique" que decorreu no Museu de Ciência da Universidade Lisboa em outubro de 2008, cuja organização esteve a cargo das responsáveis por esta publicação (http://chcul.fc.ul.pt/act_ii/WorldExhibitions-Museums_programme_2008.pdf). Esse evento teve o apoio do Centro de História das Ciências da Universidade de Lisboa, do Centro de História e Filosofia da Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM. Para a presente publicação contribuíram ainda o projeto de investigação "Abrir

caminho à integração da investigação de base documental e material em História da Ciência: preservação, acessibilidade e estudos de caso no Museu da Ciência da Universidade de Lisboa", que se desenvolveu neste museu com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/HCT/64181/2006), e o *Centre National de la Recherche Scientifique* francês.

- 2 Os objetivos gerais do volume são claramente enunciados no início do texto de introdução. Trata-se de explorar as relações que, no final do século XIX e início do seguinte, se estabelecem entre as grandes exposições, os museus de técnica e os congressos internacionais, todos eles fenómenos que refletem o desenvolvimento da sociedade industrial e que contribuíram para a sua consolidação, assentando na ideia de progresso e num processo de crescente globalização, de partilha de saberes técnicos e científicos, cujos efeitos são legíveis na economia, no ensino, na arquitetura, nas cidades. Os oito textos, em inglês ou em francês com resumos em ambas as línguas, são organizados em três capítulos. O primeiro capítulo coloca em evidência as relações e interações entre museus de técnica e exposições universais; o segundo debruça-se sobre os atores e os espaços; o último propõe a leitura das exposições universais à luz da dicotomia lugares de memória/lugares de lazer.
- 3 O universo que aqui se aborda é, sem dúvida, rico (inesgotável?), em sintonia com a ambição enciclopédica que esteve na sua origem – abarcar, mostrar, explicar o mundo todo. Neste quadro, o texto de introdução resulta particularmente útil. Ao identificar uma série de linhagens temáticas de investigação na área, oferece ao leitor um estado da arte panorâmico que contextualiza o ponto de vista que se procurou construir.
- 4 As organizadoras reconhecem que a lista de referências apresentada na introdução não é exaustiva e que ela "visa sobretudo sublinhar a extensão e complexidade do tema" (p. 8). Antecipam igualmente a crítica que poderia avaliar como excessiva e fragmentária a diversidade de abordagens contidas no livro, e defendem essa orientação como deliberada e estimulante (p. 15). Por um lado, por se constituir num testemunho do efetivo potencial heurístico contido no objeto estudado; por outro, por demonstrar a capacidade de enriquecer a visão de conjunto através do somatório de perspetivas distintas e, por isso mesmo, complementares. Enfim, longe de procurar esgotar a problemática, tratar-se-á sobretudo de "uma incitação a continuar o trabalho", retomando, desenvolvendo, completando e aprofundando o contributo que deixam ao leitor (p. 16).
- 5 A defesa, naturalmente, surte efeito e retira oportunidade aos comentários que nesse sentido poderiam ser produzidos: algum desequilíbrio pontual nas ditas referências (quer dando mais importância relativa aos casos portugueses, quer esquecendo trabalhos que entre nós foram feitos e publicados); ou a ausência de menção a outras linhas de investigação, das muitas possíveis, que por maior afinidade tenderíamos a sublinhar. Para o leitor fica evidente a riqueza, o rigor, a diversidade e a profundidade inequívocas dos textos e o efetivo estímulo à multiplicação dos olhares, à busca de novos focos de interesse, à construção de relações. Mas também alguma assimetria nos objetivos dos textos e na estrutura de redação (com reflexo nas respetivas dimensões, que variam entre as 9 e as 35 páginas).
- 6 Com efeito, o texto de Ana Cardoso Matos, sobre a história dos museus de técnica e indústria no Portugal do século XIX, apresenta-nos uma síntese abrangente e sistemática capaz de se constituir em apoio fundamental para o desenvolvimento da investigação e do conhecimento na área. Por seu lado, os contributos de Maria Helena

Souto (a participação portuguesa na secção referente à "Histoire du Travail", na exposição de Paris de 1867), de Miriam Levin (o papel desempenhado pelos novos museus no processo de modernização de Paris, entre 1878 e 1914), de Taina Syrjamaa (estudando as atrações de entretenimento e educação na exposição de Paris, 1900) e de Christiane Demeulenaere-Douyère (a propósito do uso da fotografia nas exposições universais de Paris e a sua disponibilidade atual nos arquivos franceses) propõem, na sua essência, extratos ou súmulas de estudos na sua origem mais vastos, realizados com diferente ambição e já tornados públicos em outras instâncias. A sua publicação justifica-se por permitir divulgá-los junto de novos destinatários, como pontos de partida para leituras subsequentes. Noutra categoria cabe o relato de uma investigação em curso (Irina Gouzévitch e Dimitri Gouzévitch sobre o Gabinete de Máquinas de Madrid), *paper* de estrutura exemplar (estado da arte, objeto, método...), apresentando os respetivos resultados preliminares que, pela sua própria condição, serão necessariamente parciais e destinados a ser ultrapassados pelo trabalho imediato dos autores. Ainda distinta é a atitude daqueles autores para os quais a organização do colóquio e o enunciado das relações que com ele se buscava reconhecer terão servido de pretexto para o desenvolvimento das pesquisas anteriormente empreendidas (A. Roca-Rosell, G. Lusa-Monforte e J. Sánchez-Miñana sobre o papel dos engenheiros na exposição de 1888 em Barcelona), ou mesmo para provocar novos pontos de vista, no confronto com linhas até então não consideradas (Claudine Fontanon, estudando as relações entre exposições universais e congressos internacionais de aeronáutica e aerodinâmica).

- 7 Não é nunca explicitado, porém, e a leitura do volume com isso fica menos rica, qual a relação efetiva que os textos publicados estabelecem com o referido *workshop*. Correspondem às comunicações apresentadas? São distintos e paralelos a elas? Desenvolvem-nas? Quais os critérios e procedimentos para a seleção dos autores e respetivos temas (exercidos por quem)? Qual a relevância destas comunicações para o tema do *workshop*, para o projeto de investigação que apoiou a sua publicação? (A referência, no final do texto de Ana C. de Matos, às coleções existentes no atual Instituto de Engenharia de Lisboa ganharia justificação se o leitor soubesse que, durante o *workshop*, o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa acolhia uma exposição desses materiais cuja visita foi integrada no respetivo programa).
- 8 Devemos aplaudir a saudável colaboração interuniversitária, portuguesa e internacional, que convergiu para a concretização do conjunto de iniciativas de que este livro é um dos elementos. Este tipo de cooperação na partilha de interesses e de experiências de investigação potencia as redes de contactos (de cumplicidades pessoais) que começam a estruturar-se para além de todas as fronteiras e a dar frutos na academia portuguesa, mas que estarão ainda insuficientemente sedimentadas ou generalizadas entre nós.
- 9 Já quanto às opções editoriais adotadas para a publicação não podemos deixar de partilhar algumas dúvidas que nos surgem a propósito do presente caso, mas que constituem preocupações recorrentes e generalizáveis no atual contexto português. Subentende-se que a opção por uma edição bilingue inglês-fancês se destine a procurar permitir um acesso de duplo sentido ao circuito académico internacional. Por um lado, tornando mais acessíveis a leitores estrangeiros os textos de investigadores portugueses sobre temas nacionais. Por outro lado, facultando aos nossos estudantes os trabalhos de alguns nomes de referência estrangeiros (sem o crivo, e os custos, da

tradução). A estratégia será, sem dúvida, defensável. Lamenta-se, porém, que o resultado seja a completa exclusão da língua portuguesa, com os prejuízos que daí advêm para a sedimentação de práticas de rigor que têm vindo a ser, laboriosamente, conquistadas (devemos adotar a designação "museus técnicos", "museus de técnica", "museus tecnológicos"?)

- 10 Outra questão fundamental que se prende com a anterior é aquela que se refere aos mecanismos destinados a fazer o livro chegar aos seus potenciais leitores. Apenas será razoável ambicionar alcançar um determinado público-alvo se forem garantidos os meios adequados para uma distribuição no mercado correspondente. Quantas vezes, não só na academia mas também entre as instituições, produções de nível reconhecido ficam remetidas para o limiar da irrelevância por força de canais de distribuição deficientes (penso nas edições do IHRU, do ex-IGESPAR, do ex-IPM, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Oriente, da Câmara Municipal de Lisboa...).
- 11 Em paralelo, não deve menosprezar-se a produção do livro como objeto cultural. Isto é, importa investir-se na conceção de livros que tirem partido da sua condição material para melhor se posicionarem como veículos de comunicação: investir em design gráfico, na qualidade das imagens e da sua reprodução, no papel... Em suma, será necessário profissionalizar a edição académica, fazê-la entrar em pleno na indústria do livro (mesmo, ou sobretudo, se não pode dispensar-se o financiamento institucional).
- 12 É certo que os bons exemplos de publicações realizadas a partir da academia (autonomamente ou em parceria com empresas editoras) são já frequentes. São dignas de nota aquelas que se constituem como coleções, com seleção coerente, caracterização reconhecível e produção continuada. Para me situar apenas nas áreas disciplinares que me são mais próximas, mencionarei os casos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (com ampla e seminal produção desde o início da década de 1990); o serviço editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra; o Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa. Um segundo grupo de práticas de referência é o dos livros isolados, com claro carácter excecional, como aquele que a Universidade de Lisboa lançou, sobre o património da instituição, em comemoração dos seus 100 anos; ou a recente pequena monografia dedicada ao arquiteto Luís Possolo, em resultado do projeto de investigação "Os Gabinetes Coloniais de Urbanização", sediado no ISCTE.
- 13 A alternativa ao livro-objeto será a aposta na publicação virtual, *on-line* (e aí, sem dúvida, investindo na tradução rigorosa da produção portuguesa para as línguas de circulação internacional, sem deixar de difundir as versões originais). O livro em apreço, pela natureza dos seus conteúdos (tal como o modelo das atas de conferência / *proceedings*, com o qual tem bastantes semelhanças) pareceria adequar-se sem graves prejuízos à disponibilização através das redes académicas, com acesso generalizado através dos motores de busca correntes. Outro formato, mais aberto mas igualmente eficaz, será o das publicações periódicas, tal como este que a revista *MIDAS* se propõe agora praticar (com uma tipologia de textos alargada, submetidos, ou não, a um tema comum). E, ainda assim, tal não pode significar, de modo algum, ignorar a atenção a prestar à forma, isto é, ao design como modo de potenciar a legibilidade e a inteligibilidade dos conteúdos.

AUTORES

JOÃO PAULO MARTINS

Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD), Faculdade de Arquitetura,
Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL), Portugal, martins@fa.utl.pt